



APOCALIPSE – Comédia de Domingos (à esq.) apresenta um Deus (Matheus Souza, de chapéu) atrapalhado

Divulgação

ESTRÉIA | APOCALIPSE SEGUNDO DOMINGOS OLIVEIRA

Risos à beira do fim de tudo

Autor filosofa sobre **amor e morte** e escala cineasta Matheus Souza como Deus

Luiz Felipe Reis

Não bastava aos humanos terem que aprender a lidar com seus dilemas existenciais: o dramaturgo, cineasta e ator Domingos Oliveira tinha de dar um passo além. Ou rumo ao além, ao inventar uma crise existencial de Deus como cerne da sua nova comédia filosófica, *Apocalypse segundo Domingos Oliveira*, que estreia sábado, na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. Às vésperas do dia do Juízo Final, um Criador aflito não vê mais sentido na vida e em continuar alimentando as esperanças humanas.

A profunda depressão de Deus com o mundo que esculpiu e suas tentativas fortuitas de mudá-lo, assim como a completa destruição do universo também ilustram a estreia do Grupo Fúria de Teatro. Organizado ao longo de uma série de workshops realizada em dezembro, o coletivo reúne 46 novos atores e atende a um antigo desejo do dramaturgo: trabalhar com um conjunto de jovens disponíveis a todo o tipo de direcionamento e experimentações.

— Quería compartilhar os conhecimentos adquiridos ao longo de uma vida toda dedicada ao teatro e ao cinema — conta Oliveira. — Além disso, estava precisando de grana quando decidi elaborar essas palestras. Mais de 100 jovens se inscreveram e eu já havia escrito o texto, que era bem diferente. Imaginava cerca de 10 atores. Foram dois meses de ensaio e montagem, mas só agora percebo que criamos algo muito interessante.

Envolto em uma nebulosa e apocalíptica espiral autodestrutiva, o protagonista é um Deus desajeitado e atrapalhado com sua onipotência, vivido pelo cineasta e ator revelação Matheus Souza, 20 anos, diretor de *Apenas o fim*, ganhador do prêmio do público como Melhor Longa de Ficção da última edição do Festival do Rio.

— Desde garoto, sou absolutamente desesperado pela condição humana. Pensava na morte todos os dias, uma verdadeira sacanagem da natureza — conta Oliveira. — Ao mesmo tempo, ficava intrigado com a noção de um Deus à nossa imagem e semelhança. O que ele faria com todos os

“

Desde garoto, sou desesperado pela condição humana. Ficava intrigado com a noção de um Deus. O que ele faria com todos os seus poderes?

Domingos Oliveira
Diretor e autor

“

Fiquei em pânico quando Domingos decidiu que eu seria o protagonista. Faço um personagem confuso e não-linear. Um Deus instável, de altos e baixos

Matheus Souza
Cineasta e protagonista da peça

seus poderes? Acho engraçada demais a idéia de um Deus confuso, por isso escrevi uma comédia sobre o assunto.

Intrigado com os dramas modernos, o todo-poderoso se vê entrancheado e insatisfeito com os rumos que a humanidade toma, principalmente no que diz respeito à fidelidade e ao casamento. Impossibilitado de condenar os pobres mortais às chamas do inferno e tampouco às graças do paraíso, resolve cortar o mal pela raiz: elimina do universo todas as pessoas que sentem amor. O fim da humanidade é a última alternativa que encontra para acalantar suas angústias.

— Em todas as minhas obras trafego pelos contornos das relações amorosas — explica o autor. — O fim da humanidade e do amor é o recurso de um Deus desesperado. Se ele não pode tomar os homens imortais, pelo menos trabalha para que sejam menores a pressão e o desconforto que o amor traz. O amor é um ditador que manda eternamente em cada um de nós. Talvez só se sofra por amor. Mas é claro que Deus não tem nenhum sucesso nessa tarefa. Afinal, tudo é sexo.

Num céu decadente onde todos estão desesperados diante da depressão de Deus,

personagens como o Diabo, a Vida, Eros, a Fidelidade e a Morte debatem questões relacionadas às mazelas dos relacionamentos modernos de maneira filosófica e, ao mesmo tempo, divertida.

Além do seu time de atores, a montagem traz ainda a irreverência do autor para a cena. Oliveira dá as caras em uma participação interpretando um poeta, enquanto rege dois coros, Os Inocentes e Os Intelectuais.

— Sempre gosto de entrar em cena. Achei que daria um charme ao espetáculo — afirma o dramaturgo. — É difícil atuar e dirigir, mas sou um poeta que, diferentemente dos dois casais que são julgados em cena por sua infidelidade, casou mais de 20 vezes. Quando percebo que o amor está morrendo, ele prefere buscar o amor em outra pessoa.

Matheus Souza conheceu Domingos Oliveira, seu ídolo, no Festival do Rio, após insistir para que o dramaturgo fosse assistir seu filme. Foi convidado a participar como assistente de direção das palestras que formaram a companhia. Em pouco tempo, o papel de protagonista, que seria interpretado pelo autor, caiu no colo de Souza.

— Na verdade, me tomei um xodó. É um papel superquerido por ele. Fiquei em pânico quando ele decidiu que eu seria Deus — lembra. — Mas Domingos é como um mestre para mim. Desde que o conheci e começamos a trabalhar pude aprender muito mais que ao longo dos três anos de faculdade. Mudou o meu jeito de ser, pensar e criar. Ele me dá conselhos amorosos e entende minhas fraquezas.

Com seus 1,64 m de altura, o franzino cineasta teria pouco a acrescentar fisicamente ao todo-poderoso.

— Comecei a imaginar como seria um Deus tão pequeno e esquisito como eu — conta o ator. — Misturei referências que partem do desenho animado *Freaky* e passam por uma mistura de Woody Allen e Humphrey Bogart. Um personagem confuso e não-linear. Um Deus instável, de altos e baixos. Aprendi que minhas limitações, físicas ou dramáticas, são os meus maiores trunfos. Não sou ator, tenho apenas alguns truques para que tudo dê certo.

Casa de Cultura Laura Alvim — Av. Vieira Souto, 176, Ipanema, 23322-010, Rio de Janeiro, RJ. Início das 20h. Ingressos: R\$ 20 (P) e R\$ 30 (B). Cap.: 245 pessoas. Encenação e elenco pagam. Eshow neste sábado.

Logo

A PÁGINA MÓVEL

Deus explica a crise

Autor de peça em cartaz protagonizada pelo *Todo-Poderoso*, Domingos Oliveira escreve em nome d'Ele

Domingos Oliveira

• Sou onipotente, onisciente e onipresente, como os leitores sabem. Meu mais belo poder, porém, é menos comentado: "Deus é aquele para quem todo o tempo é presente." Vejo a criação como se estivesse num cinema 3D de infinitas telas. O que me confunde um pouco, porém permite uma idéia mais clara sobre a crise espiritual/econômica/sexual/ética que sacode a Terra, a ponto de quase tirá-la da órbita.

Inicialmente devo dizer que não estou especialmente assustado com nada disso. Ao longo da história, já vi muitos outros impasses igualmente holocásticos. São sempre criados pelas ideologias humanas. A capacidade de criar ideologias é o maior defeito deste macaco melhorado que levemente criei. Os preconceitos de raça e as desigualdades sociais, todos os sistemas políticos e até religiosos, são em verdade conjuntos de idéias que, associadas pelo neocórtex humano, atingem a mais total insanidade e assassinam com eficiência espantosa (confesso que cheguei a pensar em proibir os homens de pensarem).

A crise atual é vasta mas pode ser facilmente explicada, como se fosse uma cartilha de curso primário. É necessário aceitar certas premissas: o homem não é o lobo do homem, palavra de Deus. O homem é essencialmente bom, palavra de Deus. Somente cede ao Mal quando enlouquecido pelo sofrimento. O Amor é o estado natural, basta olhar os bebês para notar isso, e o desamor é a loucura. O leitor moderno pode considerar neste momento que Deus é um inocente, um propagandista da vida. Mas peço que não tirem conclusões precipitadas. Não pensem assim, se não Deus castiga.

Ratos são homens e homens são ratos, outro dia a ciência revelou, são mínimas as diferenças entre os DNA. Numa chapa eletrificada que gera choques intermitentes, podemos observar os ratinhos presos que, depois da busca inesperada pela saída, espancam-se até a morte. Assim é o homem na chapa eletrificada da condição humana, é tão simples assim. Eu sei, fui eu que os pus lá. Fui eu que os fiz mortais, embora lhes tenha concedido potenciais de deuses. Eles nascem sem terem pedido, vivem num turbilhão incompreensível e morrem querendo viver mais! Sabia que era uma condição dura, mas tive boas intenções! Dessas que o inferno está cheio. Achei que, agindo assim, dando um limite, eles teriam uma humildade que eu, como imortal, não tenho! Uma Urgência Criativa, digamos assim. Porém a situação doia mais do que eu pensara. Desesperados, eles inventam e fazem qualquer coisa para esquecer a morte, essa camisa de força em que lhes meti. Uns fazem Arte, outros viram santos, outros matam em série, outros torturam e arrancam cabeças com maldade além da imaginação! E a maioria simplesmente se deprime, vivendo aquém das suas possibilidades. Errei, Deus devia ser posto de castigo, joelhos sobre o milho.

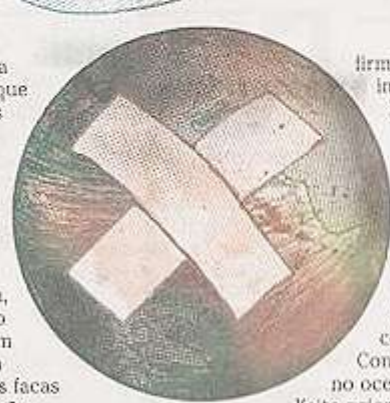
Vejam as crises mais modernas apenas como exemplo, posto que novidades certamente não são. A Tsunami econômica que veio do Norte. Bullshit. Tudo ambição de dinheiro ou de poder, esses irmãos gêmeos. Jogo, para distrair a gente apavorada com a morte. Dinheiro é vendaval, carece daquilo que mais parece ter: valor objetivo. Papéis mal diagramados e que servem no máximo para acender os charutos. E o poder é mais que tudo afrodisíaco. Talvez os poderosos necessitem vitalmente de afrodisíacos na vida pouco romântica que têm. A crise atual não é nada, é ridícula, se pensarmos na peste negra.

O Oriente Médio, outro exemplo. Outro exercício de ideologia. Daquela do Conde de Monte Cristo em Hamlet, a chamada Vingança. Muito prezada pelos homens. Que o prato frio da vingança é indigesto e val ficando mais cheio quanto mais se come, e que a violência traz violência, são verdades absolutas, das poucas conquistas da sabedoria humana. Porém o homem

na peça "Apocalipse segundo Domingos Oliveira", em cartaz no Teatro Laura Alvim, o protagonista, Deus (interpretado pelo jovem Mateus de Souza, espécie de clone juvenil de Domingos) vem à Terra para empreender, enfim, seu Juízo, mas acaba entrando em crise existencial. Inspirado pela própria criação, Domingos aceitou o convite da Página Logo para escrever uma farsa em que, na pele do Todo Poderoso, analisa a humanidade à luz dos fatos atuais. Milênios, ou bilhões de anos, depois, face à crise pecuniária e de valores fundamentais que assombra o mundo, valeu a pena fazer florescerem os vales, mover o céu e os mares e conceder, ao barro, a vida e o livre-arbitrio? Com o verbo, ele, Domingos,



tem artifícios eficientes para escapar de qualquer coisa que contrarie sua ideologia. Dos mais clássicos é colocar-se na opção exclusiva de matar ou morrer, por exemplo. Na sombria faixa de Gaza a velha primitiva justiça de Hamurabi, "olho por olho, dente por dente", já foi várias vezes desafiada, tanto por Israel quanto pelo Hamas. Muitos olhos por um olho, muitos dentes por um dente, numa longa noite das facas longas. O homem, esta criação controversa, passeia na Terra como se fosse um personagem de Dostoiévski (na verdade é um pseudônimo meu), confessando seus crimes para realizar outros maiores. E oscilando entre o terror e a glória, pêndulo desviado. Aquele presidente negro na Casa Branca, por exemplo, exulte! Sempre fui fã do John Ford. Sempre achei que naquela parte de cima da América o homem tinha tendências mais heróicas, apesar de seus graves defeitos. Aquele Obama lindo, culto,



firme, kennediano iniciou seu mandato lançando pequenas bombas de moral e ética, mesmo contra os seus: "a América não pode ter vergonha de seus atos", bom exemplo para muita gente conhecida. Continuando a navegar no oceano dos horrores, é lícito priorizar a crise moral do mundo contemporâneo. Desabaram também as soluções libertadoras. A revolução, a psicanálise, o amor eterno, o sonho hippie e outras idéias assim que animavam as conversas dos anos 50 e 60 até o fim da madrugada, caíram por terra, desmoralizaram-se espontaneamente. E a humanidade ainda não conseguiu sonhos igualmente eficientes para colocar no lugar. Esse terceiro milênio começou mal, aviões cravados em edifícios inauguraram a temporada de quebra dos pactos sociais. E

tem sido uma festa. O mal nunca foi tão banal, institucionalizada a corrupção em quase todos os países do mundo, aceita a permanência do Poder como finalidade última do Poder, na maior parte dos países primitivos, e o sexo, o amor, a paixão, talvez os meus mais amados trunfos, estão fora de moda. Os tempos são de uma repressão sexual vitoriana.

Todos pensam que eu, Deus que sou, poderia resolver essas carências com uma penada. Já que sou oniaquelas-coisas-todas citadas no início. Acontece que esses meus poderes super-heróicos são todos mitos, caso contrário, eu já teria agido. Talvez descido alguns extraterrestres ou inventado um produto químico injetado nas veias que aumentasse a sabedoria humana. Mas quem sou eu?

Sem querer me humilhar, posto que detesto auto-pleidade, sou como os homens, impotente. Não existem Viagras ontológicos. O que limita meus poderes? Ó, bípede arrogante, o mesmo que limita os seus! Só que em maior escala. Sei todas as coisas. Assim sendo, é muito difícil escolher o que prefiro. Posso tudo. Então posso também não poder. Poderia acabar com o mal? Prefiro o livre arbitrio. Poderia tornar os homens imortais? Prefiro que eles o façam por si mesmos. Estão indo bem, com todos esses transplantes e células tronco. Entendem agora porque Deus não salva o mundo num instante?

Meus poderes são limitados pela minha inquieta personalidade de criador. Se eu não tivesse meu ego desenvolvidíssimo, não poderia ter criado tudo. Não poderia ter mostrado a Jó minha obra comovente e assim obtido o seu perdão. Sou um artista. E sinto muita culpa de ter criado um mundo tão malffeito. Peço desculpas.

A culpa é minha. A culpa é sempre do autor, talvez falta de talento. Nasci do nada e sem motivo. Sou portanto destruidor do lugar de onde vim. E os homens são netos do nada. Criei mal e às vezes penso que deveria declarar o Apocalipse, destruir os homens como fiz com os dinossauros, aqueles vegetarianos que tinham mania de comer minhas mais belas árvores. Talvez tenha realmente chegado o tempo de esquecer esta coisa mal feita que chamei homem. Isto me foi aconselhado antontem pelo diabo, o velho Mefisto, que encontrei por acaso no cinema vendo aquele filme chatíssimo do Brad Pitt.

O diabo, coitado, é um chato e, mais que isso, não existe. É uma ilusão.

Outra ideologia humana. Existem só homens que, no fundo, pensam que me criaram e, por isso, têm o direito de me matar. Enganam-se.

Sou imortal. E eles, deuses embrionários que não posso deixar nascer prematuramente! Tudo de mal que aconteceu hoje são apenas revoluções intestinais. Roupa suja que se lava em casa. O mundo é injusto, das favelas às guerras. Meu forte, digamos, nunca foi a justiça. E sim a misericórdia.

Outro dia, no Arpoador, vi nuvens tão negras no céu, que temi uma tempestade destruidora do Rio de Janeiro. Não hesitei. Bati um vento, as nuvens se dissiparam e no fim da tarde estava lá o magnífico pôr do sol, sob o aplauso daqueles bípedes furiosos.

Mas eis que me chega o limite de linhas e divinamente me arrependo de ter escrito esse artigo para o jornal.

É um artigo burro. Sério demais. Deus, eu, ele mesmo, pequeno eu, mesmo eu. Deus, não tem apenas que ser amor. Tem a obrigação de ser também humor. Que é a única forma possível de falar a sério atualmente. Faltou-me nesse artigo a citada e essencial virtude.

Quanto ao pôr do sol, estava magnífico, uma verdadeira obra de arte. E a arte salva. E sem a arte não há salvação.

Sem mais, despeço-me agradecendo o convite e propondo a continuação desse artigo na próxima eternidade, se o jornal ainda estiver aí.

Seu, respeitosamente, Deus.

O GLOBO NA INTERNET
Comente este texto no Blog do Logo
oglobo.com.br/logo/logo

SEGUNDO CADERNO

QUINTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 2011

Mônica Imbuzeiro



DOMINGOS OLIVEIRA, no palco do Oi Futuro Flamengo, que ocupa até o fim do mês com o que viu e viveu: "Na verdade, eu sou um autor sério que faz um enorme esforço para fingir que não é"

Vivências filosóficas

Domingos Oliveira estreia amanhã a trilogia 'Sentimento do mundo', em que resume suas memórias e reflexões

Luiz Felipe Reis

O ponteiro do relógio passa das 12h, e Domingos Oliveira saca seus óculos escuros. Não se protege do sol, muito menos dos refletores do teatro do Oi Futuro Flamengo, onde está enfiado desde as 10h. Ao colocar sobre os olhos uma chamativa armação roxeada, algo sobrenatural acontece: a voz do microfone modula em ecos e ele incorpora Deus, autor do universo. Desaba numa poltrona branca e desanda a disparar sentenças: "Quando criei o homem... Achei que aquele bípede arrogante tinha de ter limite, pelo menos ser mortal." Ou: "Fracasso horrível, eu errei. Antes de tudo sou um artista e o homem é a minha pior obra, sem dúvida. Ah, que vontade de me matar. Mas não posso! Sou imortal." Domingos brinca, filosofa. Diverte-se e faz pensar. E é na conjunção destes termos que todo o seu teatro está organizado. O de ontem e o de agora.

— Agora estou preocupado em conservar a alegria em meio à coerência que o espetáculo tem. Porque quando a coisa tem coerência, e você é obrigado a pensar, a tendência é a gente ficar sério.

Estamos na metade de um dia de ensaio da trilogia "Sentimento do mundo", espécie de compêndio filosófico organizado a partir de tudo o que ele leu, escreveu, filmou e, sobretudo, viveu dentro e fora dos palcos nos últimos 74 anos. Inicialmente, seria um único espetáculo, com quatro horas de encenação, mas Domingos ("Não gosto de espetáculos longos. Em geral, me dão sono", diz), decidiu partilhar e condensar dramaturgicamente fragmentos de seus diários, peças, filmes, livros e shows em três partes: "Da sociedade e da condição humana" abre a primeira semana, de amanhã a domingo, às 19h30m; "Do amor" será encenada entre os dias 22 e 24; e "Da arte e da transcendência", o trecho preferido do autor, fecha o ciclo, no fim de semana seguinte. Na verdade, não fecha. E não porque exista uma quarta etapa, em que cada uma das peças ocupa um dia do fim de semana, ou porque ao final de cada sessão Domingos convida a plateia para um drinque no bar e faz questão de pagar a primeira rodada. Mas porque, as-

sim como a filosofia é o divertimento do filósofo, o teatro é o divertimento maior de Domingos. E isso não há de se encerrar.

— São peças curtas, para que depois possamos nos conhecer melhor. A energia que vem de lá é muito concreta e real, então eu tenho vontade de conversar. Isso aqui é um encontro real, humano e insubstituível. É a primeira e única vez que vamos estar juntos, que essa equação humana vai ser formada.

Domingos quer fazer pensar, e ao mesmo tempo "desbundar essas pessoas", diz. De suspensórios, camisa para dentro da calça e os tais óculos, ele baila com seus sapatos bicolors ao som da canção "Rosa Maria", de Aníbal da Silva e Édén Silva. Samba um pouco, finge que vai levar um tombo, evolui com os braços até que aponta a seta ao músico... Decide mudar. Domingos muda o tempo todo.

— No fim do dia, todo mundo já está cansado e ele ainda está lá fervilhando, mudando o texto, cheio de ideias. Manda mensagem às cinco da manhã — conta Sara Antunes, que faz a assistência de direção das montagens ao lado de Cristina Fagundes.

Então, num lampejo, ele pede "My way". Entende que o clássico de Sinatra é a canção exata para embalar o começo da peça. Opção que tem o sentido reforçado ao passo que a letra de um homem que atravessou a vida entre erros e acertos, mas sempre a seu modo e à sua filosofia, ganha a voz de Domingos.

— Eu não acho que a filosofia seja uma coisa abstrata, ela está aí para nos ajudar a viver. É preciso construir a sua filosofia, é ela que te dá o pensamento num mundo materialista, que esqueceu disso.

A mescla de música e filosofia, segundo ele, não é em vão.

— A música interrompe a filosofia e vice-versa. Filosofar, em geral, entristece. Canções, em geral, alegam. Um homem triste que se alegra fica com vontade de ir para a noite e se divertir. Me parece uma boa fórmula. Mesmo pensando, quero que as pessoas estejam alegres. Estou buscando o tom certo.

A fusão entre teatro e este cabaré filosófico-dançante também não é. "Sentimento do mundo" é estruturada sobre uma linha evolutiva cuja gênese está cravada em "Conver-

sas íntimas". No recém-lançado livro "Minha vida no teatro", em que derrama suas reflexões sobre os palcos, o autor revela que a peça de 1984 o aproximou do "show, do teatro-festa, do acontecimento teatral real e presente, diferente a cada noite". Regimento que serve à sua nova investida.

— Estou emocionado. É uma experiência que me permitiram fazer. Na peça, não falo das minhas considerações como ator e diretor, mas das minhas vivências filosóficas — diz. — Acho que as pessoas podem se fascinar com o universo da conceitualização. Nada é complicado, o espírito da filosofia verdadeira tá todo aí... Não consegui ler o "Ser e tempo" (de Martin Heidegger) ou "O ser e o nada" (Jean-Paul Sartre). São livros grossos, falam pra burro para dizer pouca coisa, mas, é claro, uma pouca coisa importantíssima, que mudou o mundo.

Talvez não seja coincidência que a continuação de "Conversas íntimas" chamava-se "Do amor", título que Domingos empresta à segunda metade da trilogia. Nela, casamento, sexo e relacionamentos ganham molho agrídeo a partir de fragmentos de textos que viajam do poema à piada. É o ensejo para alcançar o terceiro movimento, ou o *allegro ma non troppo* da pequena sinfonia teatral composta por Domingos: "Da arte e da transcendência".

— Acho que todo homem deveria ser artista... Privar o homem da arte é privá-lo de sua vocação principal. Toda profissão tem que estar comprometida com a criação. Vejo a nossa vida como uma obra de arte, e no final dou os meus mandamentos (*ao lado*), que são as coisas que eu tento não contrariar. É óbvio que contrário, mas quando eu sigo tudo vai bem.

Com sete filmes engavetados, o longa "Todo mundo tem problemas sexuais" com estreia marcada (13 de maio), a peça "Turbilhão" na fila de espera, e prestes a apagar seu bolo com 75 velas, "o que não é um bolo, mas um incêndio", Domingos celebra a chance de reunir no palco a filosofia "que os jornais muitas vezes disseram ser de botequim". Se até hoje não deram a Domingos o endereço do boteco ("Adoraria ir até lá!", diz), ao menos agora parecem endossar a sua bem-humorada condição humana.

— Essa trilogia tem propósitos sérios... Na verdade, eu sou um autor sério que faz um enorme esforço para fingir que não é. ■

OS OITO MANDAMENTOS DA FILOSOFIA DOMINICAL

● **Respeite os seus desejos:** O menor desejo de um homem deve ser atendido o mais depressa possível. Ouviram bem, meninas?

● **Melhor se arrepender de ter feito:** Diante da dúvida, não fazer é uma atitude antiga, do século XIX. Chama-se cautela. Uma atitude careta, por assim dizer.

● **Liberdade:** Não há nada que um homem deseje mais e não há nada de que ele tenha mais medo. Um homem é responsável por todos os seus atos.

● **Terminar tudo aquilo que começa:** É o segredo, que ninguém nos ouça, da produtividade e, portanto, da riqueza. Somente terminando o que você começou é que você vê se era uma merda ou uma maravilha.

● **Livre-se da culpa:** Ninguém pode te culpar de nada. De ser vagabundo, galinha, egoísta ou mal comportado. Você é inocente. Inocente por ausência de uma intenção culposa.

● **Viva cada dia como se fosse o último:** Não é ficar pensando na morte. É prezar a vida. Saber de todos os prazeres que ela pode dar e aproveitá-los gulosamente.

● **Tudo é sexo:** Esqueça a pornografia. É o mito de que é possível trepar indiferentemente. Se existe algo na vida que desperta sentimentos modificadores, isto é o sexo.

● **Um homem deve ser maior do que seu sofrimento:** O importante é amar a vida. O mundo é uma beleza. Se eu não tivesse o mundo dentro de mim, eu ficaria cego quando abrisse os olhos.